Tangram
Revista de Educação Matemática

DOI: 10.30612/tangram.v8i1.19468

Educação Matemática Crítica, Inclusão e Narrativa Pedagógica: Uma Proposta Formativa para Professores em Formação Inicial

Critical Mathematics Education, Inclusion, and Pedagogical Narrative: A Formative Proposal for Initial Teacher Education

Educación Matemática Crítica, Inclusión y Narrativa Pedagógica: Una Propuesta Formativa para la Formación Inicial de Docentes

Naiara Chierici da Rocha
Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências – PPGEFHC. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – FACED/UFBA
Salvador, Bahia, Brasil.
naiararocha@ufba.br
https://orcid.org/0000-0001-6436-9710

Tangram
Revista de Educação Matemática

Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Este artigo apresenta reflexões teóricas e propositivas acerca da formação docente inicial a partir da articulação entre Educação Matemática Crítica, Educação Inclusiva e subjetividade docente. A partir do referencial da pesquisa (auto)biográfica e de uma proposta de pesquisa em desenvolvimento com licenciandos em Matemática e Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), discute-se como as narrativas pedagógicas podem contribuir para práticas formativas mais inclusivas, críticas e sensíveis às singularidades dos sujeitos. Ao valorizar a subjetividade docente e o diálogo com a diversidade, a proposta formativa busca consolidar caminhos para a construção de práticas pedagógicas mais acessíveis e comprometidas com a justiça social. O artigo não apresenta resultados empíricos, mas propõe um debate teórico-metodológico sobre os fundamentos e os potenciais da pesquisa em curso.

Palavras-chave: Educação Matemática Crítica. Inclusão Escolar. Narrativas Pedagógicas.

Abstract: This article presents theoretical and propositional reflections on initial teacher education through the articulation of Critical Mathematics Education, Inclusive Education, and teacher subjectivity. Based on the (auto)biographical research approach and a formative proposal currently under development with undergraduate Mathematics and Pedagogy students at the Federal University of Bahia (UFBA), the article discusses how pedagogical narratives can contribute to more inclusive, critical, and subjectivity-sensitive teacher training practices. By valuing teacher subjectivity and embracing diversity, the formative proposal aims to build pathways for more accessible pedagogical practices committed to social justice. This article does not present empirical results but instead offers a theoretical-methodological discussion on the foundations and potential of the ongoing research.

Keywords: Critical Mathematics Education. School Inclusion. Pedagogical Narratives.

Resumen: Este artículo presenta reflexiones teóricas y propositivas sobre la formación docente inicial a partir de la articulación entre la Educación Matemática Crítica, la Educación Inclusiva y la subjetividad docente. Basado en el enfoque de investigación (auto)biográfica y en una propuesta formativa en desarrollo con estudiantes de Licenciatura en Matemáticas y Pedagogía de la Universidad Federal de Bahía (UFBA), se discute cómo las narrativas pedagógicas pueden contribuir a prácticas formativas más inclusivas, críticas y sensibles a las singularidades de los sujetos. Al valorar la subjetividad docente y reconocer la diversidad, la propuesta busca construir caminos hacia prácticas pedagógicas más accesibles y comprometidas con la justicia social. El artículo no presenta resultados empíricos, sino que propone un debate teórico-metodológico sobre los fundamentos y el potencial de la investigación en curso.

Palabras clave: Educación Matemática Crítica. Inclusión Escolar. Narrativas Pedagógicas.

Tangram, Revista de Educação atemática, Dourados - MS, V.08, e025027. Universidade Federal da Grande Dourados, e-ISSN: 2595-0967

Tangram
Revista de Educação Matemática

Universidade Federal da Grande Dourados

Recebido em 14/01/205
Aceito em 19/04/2025

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação matemática contemporânea enfrenta desafios significativos para se alinhar às demandas de uma sociedade cada vez mais diversa e inclusiva. Em um cenário marcado por desigualdades sociais, econômicas e educacionais, é urgente repensar não apenas o conteúdo, mas também as abordagens pedagógicas que permeiam o ensino da matemática. Nesse contexto, torna-se imprescindível articular uma formação inicial que valorize tanto a dimensão técnica quanto as dimensões humanas e culturais da educação.

Este artigo apresenta reflexões oriundas de uma pesquisa em fase inicial desenvolvida com estudantes da licenciatura em Matemática e Pedagogia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). A pesquisa explora como as narrativas de experiências pedagógicas podem revelar estratégias e desafios enfrentados na construção de práticas inclusivas em ambientes educacionais diversificados. A perspectiva crítica, em que se baseia, visa transformar a matemática em uma ferramenta para a emancipação social e o fortalecimento da cidadania, enquanto a inclusão destaca o direito de todos os estudantes ao aprendizado da Matemática, de forma equitativa e acessível. Já a abordagem da subjetividade docente enfatiza o papel das experiências vividas e dos valores individuais no desenvolvimento de práticas pedagógicas engajadas e ressignificadas a partir do diálogo, escuta e reflexão crítica.

O objetivo deste artigo é refletir, com base em referenciais teóricos e na proposta de uma pesquisa em fase inicial, sobre as possibilidades de uma formação docente que integre a Educação Matemática Crítica, a Educação Inclusiva e a subjetividade docente. Para isso, o artigo está organizado em três seções principais. Na primeira, são abordados os fundamentos da educação matemática crítica e inclusiva, destacando seus princípios e desafios. Em seguida, discute-se o papel da subjetividade docente como alicerce para a transformação das práticas educacionais.

Tangram, Revista de Educação atemática, Dourados - MS, V.08, e025027. Universidade Federal da Grande Dourados, e-ISSN: 2595-0967

Por fim, explora-se as potencialidades das narrativas pedagógicas como ferramenta formativa, conectando-as à construção de práticas inclusivas.

Desse modo, este texto busca contribuir com o debate teórico e formativo sobre a construção de uma proposta investigativa que articule teoria e prática na formação inicial de professores, promovendo reflexões sobre a constituição de práticas pedagógicas mais críticas, inclusivas e sensíveis às subjetividades.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA E INCLUSIVA: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES

A educação matemática crítica e inclusiva é uma abordagem transformadora que conecta a formação docente a um contexto educacional capaz de valorizar a diversidade e promover a justiça social. Ambas as perspectivas desafiam práticas tradicionais de ensino que, frequentemente, reforçam desigualdades ao invés de superá-las, propondo uma pedagogia que responda às necessidades de uma sociedade plural e democrática. Como pontuam Nery e Sá (2020), a articulação entre essas abordagens fomenta uma educação que garante o acesso à aprendizagem, potencializando o engajamento e a participação significativa dos estudantes.

Skovsmose (2013) destaca que a educação matemática crítica busca transcender a aplicação técnica dos conceitos, promovendo o desenvolvimento de uma visão analítica dos alunos sobre problemas sociais e estruturais. Essa abordagem incentiva os estudantes a refletirem criticamente sobre os contextos em que vivem, utilizando a matemática como ferramenta para questionar, avaliar e tomar decisões fundamentadas. Além disso, ela contribui para a emancipação dos sujeitos ao capacitá-los para intervenções em questões de equidade social, ampliando sua compreensão e protagonismo no mundo.

Skovsmose (2007) identifica três tipos de conhecimento que podem orientar a Educação Matemática: matemático, tecnológico e reflexivo. O conhecimento matemático abrange habilidades tradicionais, como a aplicação de teoremas e algoritmos. O conhecimento tecnológico envolve a capacidade de construir modelos e selecionar algoritmos para resolver problemas específicos. Já o conhecimento

reflexivo diz respeito à competência de avaliar criticamente o uso da matemática e suas consequências sociais. Segundo Campos (2007), essa reflexão é indispensável para questionar a precisão e as implicações dos cálculos, indo além da categorização simplista entre certo e errado.

A crítica ao modelo tradicional, no qual sequências de exercícios funcionam como "receitas prescritas" (Skovsmose, 2007), destaca a necessidade de transitar para práticas investigativas. Alrø e Skovsmose (2006) apontam que essa mudança exige que os alunos formulem questões, explorem contextos diversificados e se envolvam em investigações que os desafiem a sair de suas zonas de conforto. Esse processo também requer que os professores valorizem as experiências passadas e as perspectivas futuras dos alunos.

Na perspectiva da educação matemática inclusiva, é fundamental reconhecer a heterogeneidade das salas de aula e criar estratégias pedagógicas que respeitem as especificidades de cada estudante. Nery e Sá (2020) salientam que a inclusão não se limita à presença física, mas exige acessibilidade curricular, tecnologias assistivas e práticas que valorizem a diversidade como um recurso educativo essencial. Essa prática pedagógica deve acolher as singularidades dos sujeitos, promovendo equidade no ensino.

Entretanto, o cenário educacional contemporâneo enfrenta desafios impostos pela lógica neoliberal, que fragmenta o sistema educacional e reforça a exclusão escolar. Frigotto (2013) aponta que políticas de privatização e flexibilização priorizam critérios de avaliação padronizados, perpetuando desigualdades estruturais. Nesse contexto, práticas pedagógicas inclusivas podem ajudar a superar a exclusão, ao respeitar as realidades e as histórias individuais dos estudantes (Charlot, 2000).

A educação matemática crítica e inclusiva oferece uma abordagem necessária para enfrentar essas questões, enfatizando o papel sociopolítico do ensino e a valorização das subjetividades. Skovsmose (2014) propõe que o currículo parta de contextos locais, conectando-os a conhecimentos universais e retornando às realidades dos estudantes para promover uma atuação crítica e emancipatória.

A articulação entre as dimensões crítica e inclusiva fortalece a construção de uma matemática que acolhe e potencializa as vivências dos estudantes. Problemas matemáticos formulados a partir de questões locais, por exemplo, podem tornar a matemática mais relevante e significativa, valorizando as histórias e experiências dos alunos como recursos pedagógicos.

Os desafios formativos para professores, gestores e profissionais da educação são complexos. Na formação inicial, ainda há lacunas em relação aos aspectos da Educação Especial e Inclusiva, especialmente nas licenciaturas. Assim, é essencial que os cursos abordem tanto conceitos teóricos quanto estratégias práticas, incluindo o uso de Tecnologia Assistiva (TA) e ensino colaborativo.

A proposta formativa em desenvolvimento com licenciandos da UFBA ilustra como essas articulações podem ser concretizadas. Por meio de narrativas pedagógicas, futuros professores refletem sobre suas trajetórias e desafios, desenvolvendo uma prática pedagógica transformadora. Nery e Sá (2020) mostram que a Educação Matemática Crítica e Inclusiva fomenta práticas mais acessíveis e que valorizam a diversidade e as subjetividades no ensino, fortalecendo o papel sociopolítico da educação.

Trata-se, portanto, de uma perspectiva centrada em uma pedagogia engajada, caracterizada pelo diálogo, pela troca e pela partilha de saberes. Essa abordagem "(de)silencia" a aula de Matemática, permitindo o aprofundamento de todas as possíveis dimensões que um conceito, uma prática, um exemplo, um exercício, um projeto, uma atividade ou uma tarefa podem proporcionar. Em outras palavras, busca-se equilibrar a equação da diversidade com o ensino de Matemática, valorizando a pluralidade de experiências e a inclusão no processo de aprendizagem.

SUBJETIVIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE

A articulação entre a subjetividade docente e as perspectivas da Educação Matemática Crítica e Inclusiva revela um campo potencializador para a formação de professores. A partir das contribuições de Rossato et al. (2018) sobre a subjetividade docente, entende-se que as ações pedagógicas refletem as experiências vividas, as

relações interpessoais e as contradições enfrentadas no exercício da profissão. Essa compreensão permite um aprofundamento na relação entre as trajetórias formativas dos professores e a prática de uma pedagogia que busca a equidade e a transformação social.

Rossato et al. (2018) destacam que a subjetividade do professor é um campo complexo, formado por experiências pessoais, acadêmicas e profissionais. A constituição subjetiva não é estática; ao contrário, envolve um diálogo contínuo entre passado, presente e futuro. O entendimento dessa subjetividade é crucial para formar docentes que possam lidar com as exigências de uma educação que promova a inclusão e o pensamento crítico.

Ao colocar a subjetividade no centro das discussões sobre a formação docente, supera-se a visão reducionista da prática pedagógica como mera reprodução de conteúdos. Em vez disso, a formação passa a ser entendida como um espaço para a construção de novas produções subjetivas que conectem a vivência pessoal dos professores às demandas sociopolíticas do ensino inclusivo e crítico.

Nery e Sá (2020) propõem que a Educação Matemática Crítica e Inclusiva se intersecciona com áreas como a Educação em Direitos Humanos, criando uma base para práticas que valorizem a diversidade e desafiem as estruturas opressoras da sociedade. Esse compromisso com a equidade e a justiça social exige que a subjetividade dos professores seja mobilizada para criar ambientes de aprendizagem que considerem as experiências de vida de todos os estudantes. A integração das histórias de vida na prática pedagógica, como sugerido por Rossato et al. (2018), possibilita uma abordagem mais humana e significativa, que respeite a singularidade de cada indivíduo.

O reconhecimento das experiências vividas, o enfrentamento de desafios como catalisadores de mudança e a busca constante pela atualização do conhecimento são aspectos que devem ser incorporados ao planejamento de cursos de formação inicial e continuada. Por exemplo, os cursos de formação podem incluir atividades reflexivas e narrativas que incentivem os professores a revisitarem suas histórias de vida, identificando momentos que contribuíram para sua construção subjetiva. Essas

práticas ajudam a desenvolver uma maior consciência de como suas ações pedagógicas impactam a vida dos estudantes, fortalecendo o papel sociopolítico do ensino.

O uso de narrativas pedagógicas, nas quais professores compartilham suas experiências de superação, contradições e aprendizagens, configura-se como uma estratégia formativa que permite conectar as dimensões subjetivas às práticas pedagógicas, fortalecendo a consciência crítica e o compromisso com a inclusão. Essas narrativas podem ser combinadas com estudos de casos baseados em problemas locais, alinhando a subjetividade dos professores com a abordagem crítica e inclusiva. Além disso, a formação deve priorizar a criação de espaços de diálogo entre professores e estudantes, promovendo o respeito mútuo e a troca de experiências. Como aponta Rossato et al. (2018), essas interações dialógicas são fundamentais para a produção de sentidos subjetivos que sustentem práticas educativas emancipatórias.

A combinação das perspectivas da Educação Matemática Crítica e Inclusiva com uma formação docente centrada na subjetividade oferece um caminho possível para reimaginar a prática pedagógica. Reconhecer o professor como sujeito histórico e suas ações como expressão de sua subjetividade contribui para a construção de uma educação matemática que acolhe e valoriza a diversidade, promovendo a justiça social e o protagonismo dos estudantes.

Nessa perspectiva, a seguir são explicitados os passos iniciais de pesquisa em desenvolvimento – Desafios formativos e práticas inclusivas para o ensino de Matemática.

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICAS INCLUSIVAS E SUBJETIVIDADES NO ENSINO DE MATEMÁTICA

A pesquisa se insere no campo da pesquisa (auto)biográfica, pois se fundamenta nas interações entre os processos de subjetivação, individuação e construção do

sujeito em relação ao mundo social e às suas interações com os outros. Esse tipo de pesquisa aborda fenômenos tipicamente humanos inseridos em contextos históricos, sociais e políticos, e é orientado por princípios éticos, subjetivos e ontológicos.

Conforme Delory-Momberger (2016), a pesquisa (auto)biográfica está inserida na reflexão sobre o agir e o pensar humano, abordando a experiência a partir de uma razão narrativa que organiza e sistematiza vivências no tempo. A autora afirma que:

> Falar sobre a construção da experiência é falar sobre o que está no âmago da atividade biográfica. É falar da maneira pela qual cada um de nós nos apropriamos do que vivemos, experimentamos, conhecemos, pela qual nós o transformamos precisamente em 'experiência'. As experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos. (Delory-Momberger, 2016, p. 137).

Dessa maneira, os espaços sociais vivenciados pelos sujeitos, como a escola, o trabalho, a família e o bairro, constituem estruturas biográficas onde saberes compartilhados são experienciados e ressignificados no cotidiano. Assim, as experiências acumuladas se conectam e se manifestam de maneira singular para cada indivíduo, conferindo sentidos e significados às suas vidas e às suas relações sociais. Para Souza (2006), é nesse processo que a narrativa se torna um instrumento poderoso, pois permite ao sujeito, ao narrar sua história, construir redes de significação sobre suas experiências, possibilitando a produção de um "conhecimento de si" e dos mundos sociais que o cercam.

A atividade biográfica, dentro dessa perspectiva, engloba operações mentais, verbais e comportamentais pelas quais o sujeito se inscreve nas temporalidades históricas e sociais que antecedem sua vida. Biografizar, nesse contexto, refere-se ao conjunto de processos em que o sujeito constrói sua identidade ao longo da vida, reconhecendo-se e sendo reconhecido por meio das relações interpessoais. Como aponta Delory-Momberger (2016), "a biografização surge como uma hermenêutica prática, um quadro de estruturação e de significação da experiência exercendo-se de forma constante na relação do homem com a sua vivência e com seu ambiente social e histórico" (p. 139).

Tangram, Revista de Educação atemática, Dourados - MS, V.08, e025027. Universidade Federal da Grande Dourados, e-ISSN: 2595-0967

Adotar a abordagem (auto)biográfica como perspectiva metodológica implica reconhecer a educação como parte essencial do processo de humanização, integrando o ser singular ao seu contexto social e histórico. Além de sua fundamentação científica, essa abordagem é marcada por dimensões éticas e políticas, compreendendo a educação como um processo que abrange experiências formais, não formais e informais ao longo da vida, configurando a aprendizagem biográfica do sujeito (Delory-Momberger, 2016).

Desse modo, a pesquisa ocorre da seguinte forma:

1. Foi criado um grupo de estudos[1] para possibilitar um espaço formativo e de partilha de saberes sobre o ensino de Matemática, inclusão escolar e narrativa. Com a colaboração dos colegiados dos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Matemática, foi enviada uma chamada aberta convidando os estudantes[2] a participarem dos estudos e da pesquisa[3]. O objetivo do grupo é promover a formação, o diálogo e a troca de experiências pedagógicas entre os pares. Os principais eixos formativos são[4]: Identidade, Diferença e Diversidade. Modelos e concepções de deficiência à luz das políticas educacionais brasileira. Atendimento Educacional Especializado e Salas de Recursos: a esfera nacional e especificidades no estado da Bahia. Tecnologia assistiva: estratégias, procedimentos e recursos. Ensino colaborativo e materiais pedagógicos acessíveis: conceitos e produção/construção, planejamento e práticas para o ensino de Matemática.
2. O cronograma de atividades e encontros está em fase de construção junto aos estudantes. Optamos por encontros em formato híbrido (presenciais e online), de acordo com as demandas e necessidades do grupo. Vale salientar que ao longo desses encontros serão feitos convites à comunidade escolar, acadêmica e a especialistas na área da Educação Especial e Educação

[1] Grupo de estudos em Educação Matemática, Inclusão e Narrativa (GEMINA)
[2] Para a produção e análise dos dados da pesquisa almeja-se um quantitativo de 15 a 20 estudantes.
[3] Pesquisa apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Protocolo nº 84674424.8.0000.0348
[4] Vale ressaltar que esses eixos foram elencados por sua pertinência na formação inicial dos estudantes. No entanto, eles estão sempre em debate com os colaboradores da pesquisa e, se necessário, são alterados conforme as demandas do grupo pesquisado

Matemática para enriquecer o diálogo, o debate, as reflexões e a formação sobre os temas e questões emergentes com o grupo de estudantes colaboradores. Esses encontros visam aproximar todos os envolvidos no processo investigativo para a condução dos estudos, discussões e produção das narrativas. As narrativas serão desenvolvidas a partir de temáticas ou questões/problemas centrais que emergirem das discussões do grupo, sempre tangenciando as realidades vivenciadas pelos estudantes em seus processos formativos e/ou profissionais. O dispositivo narrativo utilizado será a documentação narrativa de experiências pedagógicas, que será apresentada a seguir.

3. A sistematização dos dados e análise de todo o processo visam analisar as narrativas e propor elementos norteadores para a formação de futuros professores que ensinarão matemática, visando uma abordagem inclusiva e que contemple a diversidade.

A opção pela produção e registro de narrativas de experiências pedagógicas fundamenta-se na intenção de colocar essas experiências no centro do processo investigativo, permitindo que revelem nuances e contextos relevantes para a prática docente e o cotidiano profissional. Suárez (2007) caracteriza essa abordagem como promotora de uma metodologia que transforma as vivências e mobilizações dos sujeitos em uma política de conhecimentos, construída a partir da experiência prática. Para Silva e Rios (2021), esse método se manifesta como um método do vivido, no qual as narrativas são fruto de reflexões, problematizações e tematizações do cotidiano, contribuindo para a compreensão da profissão e de suas dimensões formativas. Assim, a proposta visa possibilitar que os participantes reflitam sobre sua atuação profissional ou futura, construindo e legitimando saberes baseados em suas realidades e contextos formativos.

A documentação narrativa, nesse contexto, torna-se um elo essencial entre o individual e o coletivo. Ao estimular o diálogo e a troca de saberes, cria-se um espaço fértil para a reflexão e valorização das experiências vividas em diferentes cenários de atuação e formação. Para Suárez (2007), a documentação narrativa funciona como um dispositivo de formação e ação pedagógica, pois a prática narrativa e reflexiva

fornece elementos indispensáveis para o desenvolvimento formativo. Nessa perspectiva, o método serve como uma ferramenta para questionar e aprofundar as realidades escolares, articulando as trajetórias formativas dos participantes às suas práticas no contexto da diversidade.

Segundo Suárez (2007), o processo da documentação narrativa envolve uma série de etapas, como escrita, leitura, diálogos e discussões entre pares. Na pesquisa em questão, estão planejados seis encontros semestrais entre a pesquisadora e os participantes, organizados presencialmente ou por plataformas digitais, conforme as necessidades institucionais e da pesquisa. Além disso, um grupo no WhatsApp será criado para facilitar trocas rápidas e o compartilhamento de dúvidas e materiais, com a possibilidade de adotar outros recursos digitais, como um ambiente virtual de aprendizagem, dependendo das demandas que surgirem.

As narrativas terão início no primeiro encontro, onde serão definidos os temas e experiências a serem explorados durante o semestre. Esses relatos serão revisados e reelaborados ao longo dos encontros, permitindo a reflexão e o compartilhamento de ideias e vivências. Ao final de cada semestre, os participantes enviarão suas narrativas finalizadas, utilizando ferramentas como e-mail ou armazenamento em nuvem. Esse processo contínuo de escrita e reescrita permite que os relatos adquiram novos significados ao longo do tempo.

No encerramento da pesquisa-formação, será organizada, em colaboração com os participantes, uma publicação que reúna as experiências narradas. Suárez (2007) defende que essa etapa de publicação é uma parte importante do processo de documentação narrativa, contribuindo para a análise e aprimoramento das práticas formativas. A forma de publicação será decidida coletivamente, com possibilidades que incluem livros, artigos, eventos acadêmicos ou meios digitais.

A análise das narrativas será conduzida a partir de uma leitura interpretativa, conectando os textos aos referenciais teóricos e normativos sobre Educação Matemática, Educação Matemática Crítica e Educação Especial na perspectiva Inclusiva. Essa análise crítica buscará evidenciar os temas e questões levantados

pelos participantes, proporcionando uma compreensão aprofundada das experiências narradas.

Os resultados esperados incluem a contribuição para o desenvolvimento teórico, político e prático dos licenciandos em Matemática e Pedagogia, com foco em práticas mais inclusivas para a Educação Matemática. Além disso, a proposta busca valorizar as subjetividades e dimensões humanas que muitas vezes são negligenciadas no ensino de Matemática, ao mesmo tempo que explora caminhos criativos para aprimorar a formação inicial no campo. Por meio da pesquisa-formação-ação, a intenção é fomentar debates e propor melhorias que promovam uma formação inclusiva e alinhada às demandas contemporâneas da educação.

versidade Federal da Grande Dourados

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu, à luz da literatura e da proposta de pesquisa em desenvolvimento, os desafios e as possibilidades de uma formação docente que articule Educação Matemática Crítica, Inclusão e subjetividade. A análise realizada evidenciou que a construção de práticas formativas mais sensíveis às realidades escolares passa pelo reconhecimento da diversidade, da subjetividade docente e da potência das narrativas como instrumentos de formação e reflexão.

A proposta investigativa apresentada se ancora na documentação narrativa como eixo metodológico, valorizando as experiências dos sujeitos em formação e promovendo o diálogo entre saberes teóricos e cotidianos. Nesse sentido, espera-se que os desdobramentos da pesquisa possam contribuir para a elaboração de práticas pedagógicas mais acessíveis, humanas e socialmente engajadas, mesmo que, no momento, a pesquisa esteja em fase de implementação e construção coletiva.

Considerando isso, este texto se configura como uma etapa reflexiva da pesquisa, voltada à explicitação de seus fundamentos teóricos, metodológicos e ético-políticos, com vistas a alimentar o debate sobre a formação docente e os caminhos possíveis para uma educação matemática comprometida com a diversidade e inclusão.

REFERÊNCIAS

Alrø, H., & Skovsmose, O. (2006). *Dialogue and learning in mathematics education: Intention, reflection, critique*. Springer.

Campos, T. M. M. (2007). *Reflexões sobre o conhecimento matemático e seu ensino*. Revista de Educação Matemática, 15(1), 34-50.

Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber: Elementos para uma teoria*. Artmed.

Delory-Momberger, C. (2016). *A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, 1(1), 133-147. Recuperado de https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526

Frigotto, G. (2013). *A crise do trabalho e a educação: Perspectivas de resistência e alternativas democráticas*. Cortez.

Nery, É. S. S., & Sá, A. V. M. (2020). *Educação em direitos humanos, educação matemática crítica e educação matemática inclusiva: Interseções e desafios.* Revista Internacional de Direitos Humanos, 8(1), 89-115.

Oliveira da Silva, F., & Vasconcelos Pacheco Rios, J. A. (2021). *Documentación narrativa de experiencias pedagógicas en la docencia universitaria: Profesión docente en cuestión*. Saberes y Prácticas: Revista de Filosofía y Educación, 6(2), 1–20. https://doi.org/10.48162/rev.36.036

Patto, M. H. S. (2015). *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. Casa do Psicólogo.

Skovsmose, O. (2007). *Mathematics: A critical introduction.* Routledge.

Skovsmose, O. (2013). *Towards a critical mathematics education*. Springer.

Skovsmose, O. (2014). *Critique as uncertainty*. Information Age Publishing.

Souza, E. C. de. (2006). *O conhecimento de si: Estágio e narrativa de formação e professores.* Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB.